

Desejos carnudos: corpos gordos, háptico e pornô gay amador

Por Erly Vieira Jr.*

Resumo: Este trabalho busca pensar, a partir de vídeos e gifs de pornografia gay amadora, centrados no sexo entre corpos gordos, as estratégias de envolvimento espectral que regem suas imagens. Discutiremos como o princípio da “máxima visibilidade” (Williams, 1989), identificado na pornografia tradicional, cede lugar a uma nova relação de intimidade com as imagens, que valoriza sua dimensão háptica. Isso proporciona ao espectador novas formas de engajamento corpóreo e “ressonância carnal” (Paasonen, 2011), de modo a tensionar as formas de emergência de uma sensorialidade *queer* nesse processo.

Palavras-chave: visualidade háptica, princípio da máxima visibilidade, pornografia gay amadora, corpo e performance.

Resumen: Este artículo pretende pensar, a partir de videos y gifs de pornografía gay aficionada y centrados en el sexo entre cuerpos gordos, las estrategias de envoltura espectral que rigen sus imágenes. Discutiremos cómo el principio de la ‘máxima visibilidad’ (Williams, 1989), identificado en la pornografía tradicional, cede lugar a una nueva relación de intimidad con las imágenes, que valora su dimensión háptica. Esto proporciona al espectador nuevos modos de compromiso corpóreo y "resonancia carnal" (Paasonen, 2011), para tensar las formas de emergencia de una sensorialidad *queer* en ese proceso.

Palabras clave: visualidad háptica, principio de la máxima visibilidad, pornografía gay aficionada, cuerpo y performance.

Abstract: This article intends to think, from videos and gifs of gay porn DIY, centered on the sex between fat bodies, the strategies of spectral involvement that govern their images. We will discuss how the principle of "maximum visibility" (Williams, 1989), identified in traditional pornography, gives way to a new relationship of intimacy with images that values their haptic dimension. This provides the viewer with new modes of corporeal engagement and "carnal resonance" (Paasonen, 2011), in order to stress the emergence forms of a queer sensoriality in this process.

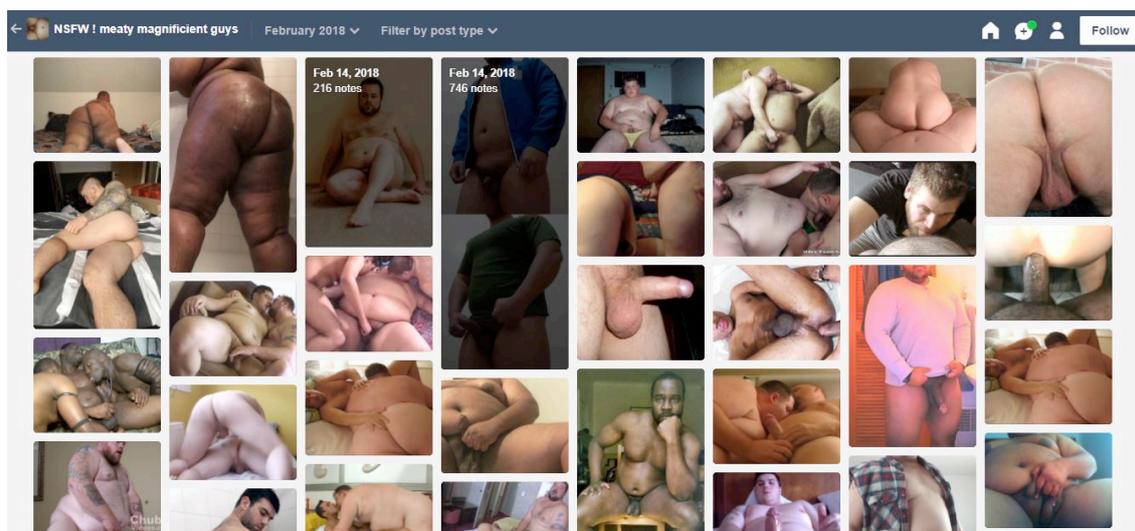
Key words: haptic visuality, principle of maximum visibility, gay porn DIY, body and performance.

Sentado diante de meu laptop, em algum momento ocioso, coloco-me a navegar por alguns dos Tumblrs de material pornográfico que tenho salvos nos favoritos do meu navegador. Os nomes das páginas já explicam o nicho que me atrai: *Home of the chubs*, *A chubby lover*, *Just another gay engineerd bear*, *Fucking hot bears...* Todas são dedicadas a imagens de homens gordos ou, no mínimo, parrudos. Nem sempre as postagens mais recentes me atraem, de modo que frequentemente acesso o arquivo de postagens. Como se fosse um menu com várias possibilidades, surgem *thumbnails* de fotografias, vídeos e pulsantes gifs animados, a maioria de produção caseira, anunciando corpos e adiposidades em ação. Num dos gifs, uma barriga peluda e sem camisa é balançada (não vemos o rosto de seu dono); em outro, nádegas avantajadas são enquadradas em primeiro plano, e os dedos que as apalpam percorrem demoradamente suas muitas dobras. Logo abaixo, a imagem em looping de um trio de meia-idade interagindo, todos demonstrando bastante prazer: um deles lambe a barriga do mais velho, enquanto outra roça nariz e boca pela dobra formada pelo excesso de carnes e gorduras abaixo dos mamilos. Ao lado, um vídeo mostra um homem jovem deitado sobre outro, penetrando-o. A câmera, operada por um terceiro indivíduo, parece obcecada com aquelas nádegas carnudas, que tremulam à medida que os quadris se movimentam, criando outros micromovimentos centrífugos que por alguns instantes me hipnotizam.

Continuo passeando pela página e me detenho em outras imagens, clicando nelas para satisfazer a curiosidade. Um *thumbnail* chama a minha atenção: um homem já grisalho, de costas para a câmera, debruçado sobre uma janela, com uma paisagem de um campo outonal, com árvores desfolhadas ao fundo. Ao iniciar o vídeo, percebo se tratar de uma câmera subjetiva: um olhar que vai descendo devagar pelo torso peludo e grisalho, apreciando a oscilação dos ‘pneuzinhos’ laterais e algumas estrias em meio aos movimentos sexuais, tocadas carinhosamente pelos dedos gordos da outra mão de quem filma. Ambas as memórias corpóreas, a de tocar e a de sentir alguém tocando minhas próprias estrias, me vêm à mente, bem como outras memórias

proprioceptivas de sensações tantas vezes experimentadas através situações semelhantes às acima descritas. Esses Tumblrs, dedicados a nós, homens gays e gordos, permitem-nos experimentar intensamente nossas próprias pornotopias, muitas vezes encenadas no conforto e intimidade de casa, inspiradas pelos cenários ordinários e o próprio grau de amadorismo e espontaneidade que atravessa a maioria desses registros.

No meu caso, já são quase vinte anos como consumidor de pornografia online, especificamente nos guetos digitais destinados a homens corpulentos, bem distantes do padrão hegemônico de silhuetas atléticas e musculosas que, antes da descoberta desse “graal pessoal”, apresentava-se como única possibilidade nas revistas de nudez e sexo ou nas fitas disponíveis nas videolocadoras. No começo, à medida que eu mergulhava no vasto acervo online de vídeos, fotografias e gifs animados, em sua maioria amadores, fui compreendendo melhor meu desejo por corpos gordos masculinos, vislumbrando, como espectador, suas muitas possibilidades de interação sexual. E foi também através desses vídeos e gifs, além do contato com toda uma rede de indivíduos que, como eu, também partilhavam dessas preferências, que fui conhecendo e experimentando uma série de novos prazeres também em meu próprio corpo gordo: um verdadeiro aprendizado de autoaceitação ao me sentir desejado, que se configurava num lento, porém eficaz, antídoto para as tantas noites até então terminadas solitariamente, num canto de boate, enquanto tantos outros rapazes, por cumprirem o requisito de não serem gordos demais, deixavam o recinto com a recompensa de uma companhia para as horas seguintes. Se tão frequentemente é evocada a imagem de um perambular entre ruínas para definir a experiência social dos indivíduos LGBT/*queer*, é sempre bom lembrar que, para os que não se encaixam nos usuais padrões de beleza e comportamento da tão controversa “homonormatividade”, há tantas camadas a mais de escombros a desviarem nossos trajetos, de modo que é sempre necessário aprendermos ou mesmo inventarmos novas formas de viver à deriva.



Montagem realizada pelo autor a partir de imagens anônimas disponíveis em Tumblr

Isso me faz lembrar que a pornografia voltada para o público LGBT tem um papel histórico fundamental nos termos de uma pedagogia dos desejos (Baltar, 2015a), baseada num investimento direto nos corpos desejantes e que se desdobra em seus respectivos laços de pertencimento/afetividade. Através dessas imagens, adquire-se todo um saber corporal fundamental para a ressignificação cotidiana de nossos corpos, diante de uma série de embates com toda uma economia dos desejos heteronormativa da qual frequentemente somos dissidentes.

Como afirma Sara Ahmed, em sua proposta de fenomenologia *queer* (Ahmed, 2006), a experiência dos corpos desviantes, se comparada com a adequação dos corpos à heteronormatividade, passa por uma forte relação de impropriedade e inadequação nos espaços cotidianos, desdobrando-se numa via de mão dupla que, de um lado, agrega uma série de policiamentos acerca de posturas, trejeitos, gestos, vocabulários e entonações vocais, para minimizar os danos potenciais de não se ser considerado apropriado, desejável e bem-aceito socialmente, e, de outro, apoia-se numa reafirmação e exarcebação dessa diferença corporal e de suas diversas ambiguidades de gênero como formas de resistir e existir.

É importante lembrar que, em ambos os caminhos, há também desdobramentos dessa experiência com relação ao aprendizado do exercício da sexualidade. Uma experiência muitas vezes pautada pela clandestinidade, desde seu início no final da infância e chegada da adolescência, onde poucas são as brechas possíveis para se adquirir conhecimentos básicos acerca do próprio desejo sexual e dos corpos desejados. Nesse caso, filmes, revistas e vídeos pornô são, para aqueles cujas orientações sexuais não se confinam aos limites da norma, uma importante porta de entrada nesse universo, já que não somente substituem as “conversas de pai pra filho sobre como pegar uma mulher” da heterossexualidade masculina, ou as muitas vezes frustrantes “brincadeiras de médico” ou “saladas mistas” para quem “não sabe como se portar” diante do sexo oposto. E também o são porque tal *imagerie* fala diretamente aos corpos, convocando-os com toda sua intensidade na experiência espectral. Se as imagens em movimento, como aponta Steven Shaviro (2015) são acontecimentos (no sentido deleuziano do termo *événement*) presentificados e capazes de afetar os corpos espectral, numa tripla interação tanto com os corpos filmados quanto com o corpo do filme (aqui concebido como um corpo tecnológico que faz uso, em sua linguagem, de modos corpóreos pra dirigir-se intimamente ao espectador), podemos deduzir que quanto mais intimamente esses três corpos se relacionarem numa experiência audiovisual, mais intensas serão suas trocas afetivas.

No caso específico de nós, homens gays e gordos, as performances pornográficas em websites, filmes e vídeos são espaços onde podemos encontrar representações positivas de nós mesmos (Highberg, 2011), e assim imaginarmos nossas próprias pornotopias. Através de um aprendizado sobre o próprio corpo, que inclui desde descobrimo-nos desejados e desejantes (ou até mesmo amados, se pensarmos em séries de filmes como *Real couples*, protagonizadas por casais em relacionamentos estáveis), essa pedagogia do

desejo presente nesses vídeos é importante ferramenta para se superar ou pelo menos aprender a lidar com o duplo trauma de ser gay e gordo.¹

É através desses vídeos que há um investimento direto no imaginário desses indivíduos, que passam a perceber que corpos gordos também podem praticar orgias, *gang bangs*, *bukkakes*, *fistings*, *golden showers*, duplas penetrações e demais prazeres que todos os outros podem ter, mas que na pornografia gay hegemônica, usualmente se permitem apenas aos corpos sarados. E, se há possíveis limitações decorrentes de restrições espaciais para corpos *plus size*, como certas posições sexuais, há também a descoberta de outros prazeres que o excesso de carne e gordura proporcionam, inclusive de natureza tátil e proprioceptiva: e não duvidem do que uma barriga proeminente, ou fartas tetas masculinas são capazes de fazer (há incontáveis vídeos disponíveis na internet para ensinar)!

Historicamente, as comunidades em torno do desejo por corpos gordos, que nos países de língua inglesa, recebem o nome de *girth & mirth* (circunferência e graça), existem desde 1976, quando o primeiro clube do gênero foi fundado em San Francisco. Sua trajetória por vezes se aproxima a de outras subculturas do underground gay, também destoantes do padrão de corpos sarados, como a cena *leather* (de forte inflexão BDSM), ou mesmo os “ursos” (*bears*), com sua fetichização por pelos faciais e corporais e outras marcas de hipermasculinidade.²

¹ Importante ressaltar que, na redação deste texto, a não-utilização de termos como “obeso”, “sobrepeso” e “obesidade” é uma escolha política, ao recusarem-se deliberadamente termos que, de antemão, patologizam o corpo gordo.

² No caso dos ursos, cabe lembrar que seu surgimento, nos EUA, foi marcado por uma reação conservadora à crise da AIDS na década de 1980, num momento em que o corpo não-magro foi símbolo de uma duvidosa *imagerie* do saudável, do não-contaminado, uma vez que o estigma da epidemia estava mais associado tanto aos corpos musculosos que frequentavam saunas e boates ou a indivíduos afeminados, transgêneros e *queer*. Ou seja, a ascensão da comunidade ursina dentro do contexto LGBT deu-se, num primeiro momento, muito mais por uma lógica de exclusão do que pelo impulso inclusivo que movia, por exemplo, os grupos *girth & mirth*. Já em meados da década de 1990, a comunidade ursina havia se tornado mais inclusiva, acolhendo abertamente homens gordos e idosos, sem necessariamente exigir o pré-requisito dos pelos faciais e corporais, ou mesmo os trejeitos de hipermasculinidade, de modo

Em diversas partes do mundo, mas especialmente na cultura norte-americana, como ressalta Alex Robertson Textor (1999), a masculinidade do corpo gordo sempre foi ambígua: até a meia-idade, está historicamente vinculada à figura do afeminado, do não-viril, do “brocha”, constituindo um tipo de personagem bastante recorrente em filmes e seriados cômicos, bem como esquetes humorísticos diversos. Mas a barriga proeminente também indica o corpo macho do tiozão, cervejeiro, do coroa sexualmente experiente —e aqui a engorda ressurgiu como signo positivo do envelhecimento masculino, o ganho de peso como marca viril da maturidade— especialmente no contexto latino-americano. Ao propor que o corpo gordo seja desejável desde sua juventude, estando inclusive desobrigado de performar a virilidade tradicional (em qualquer idade), os círculos *girth & mirth* mostram que ele pode ser duplamente *queer*, tanto no sentido de “inapropriado” e destoante, mas também no sentido de resistência e subversão dos usos dos prazeres, proporcionando novos tipos de performances sexuais.

Ao observarmos os vídeos amadores de sexo envolvendo pessoas gordas, podemos ver, por exemplo, a resignificação da barriga e das adiposidades acumuladas na região pubiana (antes indesejáveis pelo risco de ocultarem o pênis) como zonas erógenas que inclusive passam a ocupar um amplo espaço nos enquadramentos: estes, muitas vezes, concebidos no formato vertical tão comum nos vídeos captados por celulares e tablets. Trata-se da ascensão de uma nova cartografia da superfície corporal, onde as dobras dos “pneuzinhos” podem ser apalpadadas, seus calores e a umidade do suor podem ser

que essa foi a atmosfera dominante da expansão global dessa subcultura durante o começo do século XXI, inclusive no Brasil. A atual década, todavia, tem se defrontado com um certo retrocesso epistemológico, movido por uma popularização das barbas e pelos entre diversos segmentos gays brasileiros, de modo que um grande número de barbudos magros ou musculosos passou a se autodenominar como “ursos”, sem, contudo, buscar alguma integração com as categorias que anteriormente compunham tal nicho. Chega-se ao ponto de ser bastante comum, num aplicativo de encontros sexuais como o Scruff, que é dedicado aos ursos e admiradores, não somente o número de perfis de homens gordos e mais velhos ser menos frequente (na contramão do resto do mundo), mas também encontrarmos, com grande frequência nos perfis de magros/sarados, avisos do tipo “dispenso gordos, negros, idosos e afeminados”, muitas vezes redigidos de forma bastante intimidatória.

experimentados, as estrias passam a ser lidas como texturas confortáveis, verdadeiros tesouros a serem explorados com as pontas dos dedos, e as longas superfícies das barrigas, nádegas carnudas e tetas proeminentes permitem que se espalhem líquidos diversos pelo corpo, seja para estimular o contato tátil, seja para desenhar extensos trajetos com a língua... enfim, inúmeras são as possibilidades apresentadas.

Desse modo, há nesses vídeos pornográficos toda uma diversidade de categorias de representações eróticas da gordura, partindo de seu caráter contraditório e controverso, o que inclusive nos leva a pensar, como afirma Natália Lima Figueroa em seu estudo sobre pornografia com mulheres gordas (2014), que a auto-espetacularização desses corpos gordos em sua totalidade (e incrível desenvoltura), seriam o oposto de uma redução ontológica do dos mesmos, que poderia se supor ocorrer nesse segmento de mercado: até porque muitas vezes há uma associação entre tais corpos e os excessos (inclusive os alimentares, como o prazer erótico do gustativo, mencionado nos vídeos que ela analisa).

Em termos de engajamento espectral, cabe aqui lembrar o que Adeir Rounthwaite (2011) diz em seu texto “From this body to yours: Porn, affect and performance documentation”: temos aqui uma forma de documentação de performance desenhada para instigar uma nova performance na audiência: a de uma excitação sexual, acompanhada frequentemente pela masturbação e por orgasmos. O afeto que move a pornografia —a capacidade de gerar prazer— não somente comparece no registro de uma performance passada como também se projeta em uma futura, na forma do novo prazer corporal que irá gerar. Para Rounthwaite, isso nos aproxima daquilo que Rebecca Schneider chama de transmissão corpo-a-corpo (“*body-to-body transmission*”) do afeto: um tipo de conhecimento corporal cuja transmissão permite que a performance permaneça, de outra forma, no corpo de quem a presencia ou dela partilha.

Para isso, faz-se necessário transformar o corpo numa espécie de caixa de ressonância que reverbera de acordo com a imagem, mobilizando o imaginário a partir do sensorio e perturbando o impensado do corpo, com suas potências. Isso nos remete ao conceito de “ressonância carnal”, proposto por Susanna Paasonen (2011) para se compreender a relação espectral estabelecida pelos vídeos pornô. Ressoar é oscilar em uma frequência afim, é reverberar profundamente um estímulo que nos atravessa. E, como a pornografia tem uma forte tendência à hipérbole, trata-se de um conjunto de imagens que nos atravessa muitas vezes irremediavelmente.

Como afirma Paasonen, não se trata de uma identificação, calcada em similaridades, tal como o paradigma psicanalítico da teoria do cinema pensa o cinema ficcional, mas sim uma conexão, um contato com objetos, ideias e pessoas que se afetam uns aos outros, com variações de intensidades e velocidades, fazendo confundir deliberadamente o sensorio com o emocional. Ou, se formos usar os termos de Vivian Sobchack (2004): “engajamentos viscerais da audiência” a partir de um saber carnal (“carnal knowledge”) compartilhado. Na ressonância carnal, os corpos filmados e espectraliais não precisam ser semelhantes (nem mesmo em termos de orientações sexuais e gênero)³: basta eles vibrarem, desejantes, em frequências parecidas.

Paasonen, ainda retomando Sobchack (e também Brian Massumi), afirma que, assim como a visão nunca é puramente visão, mas um amálgama multimodal que também envolve a escuta, o tato e a propriocepção, ativando todo nosso sistema háptico (Gibson, 1966), as intensidades pornográficas também são sinestésicas, não se separando dos outros modos de cognição. Daí muitas dessas imagens nos evocarem texturas, aromas e sabores que inflamam memórias corporais do desejo sexual. Assim, a ressonância carnal da

³ Exemplo disso está nos depoimentos de espectadoras heterossexuais sobre como alguns filmes pornográficos lésbicos exibidos no Berlin Porn Festival ressoaram intensamente em seus corpos, descritos no artigo de Sara Janssen, “Sensate vision: From maximum visibility to haptic erotics” (2016).

pornografia envolve a capacidade do espectador em “reconhecer e experimentar sensações, movimentos e posições mostradas na tela em seus próprios corpos” (Paasonen, 2011: 201), de modo que ela “media a intensidade das sensações e interações corporais, numa experiência sensorial do sexo cuja mediação é parcial e alia o tátil, o gustativo e o olfativo” (idem).⁴ É possível deduzir, portanto, que a valorização de uma relação háptica com as imagens, com sua potência desestabilizadora, tão presente no “perto demais” dos vídeos pornográficos amadores rodados em câmera subjetiva, possa ser um fator poderoso nesse contrato que ressoa tão irrecusavelmente junto ao espectador.

Shaka Mc Glotten (2015) lembra que a pornografia gay amadora contribui para uma história visual do desejo e possibilita ampliar/esgarçar a imaginação pornográfica estética e politicamente. Acredito que atualmente isso ocorra principalmente através da web 2.0, por ela engendrar uma teia complexa de relações, tanto com base em aspectos sociais —a formação de uma comunidade que partilha o desejo— quanto em termos íntimos. Isso inclui, por exemplo, o aprendizado sobre como performar nudez e desejo de forma prazerosa em sites como o Cam4, ocorridos em diversas etapas (a perda da timidez, o perceber-se desejado, a compreensão de que estrias cicatrizes e adiposidades não são “defeitos”), configurando assim uma escala dissidente de mensuração da desejabilidade. E também passa pelas disseminações de conteúdos pessoais e anônimos em tumblrs, gifs e portais como o Xvideos, onde há toda uma quebra de barreiras em torno dos corpos de quem filma/é filmado/posta/consome que precisa ser levada em consideração. Isso é algo que inclusive se desdobra na naturalidade/banalidade com que os mais jovens trocam nudes entre si, não mais exclusivamente em sites e aplicativos de relacionamento sexual, mas também mostrando-os nas telas de seus

⁴ Tradução minha. No original: “The carnal resonance of porn involves the viewers’ ability to recognize and experience the sensations, movements and positions depicted on the screen in their own bodies [...] Porn mediates the intensity of bodily sensations and interactions. In terms of sensory experiences of sex, this mediation is by necessity partial and lacks the tactile, gustatory, and olfactory”.

smartphones em rodas de conversa nas áreas de fumante das boates, parodiando as *nude tours* tão frequentes em grupos fechados de whatsapp e facebook.

Da máxima visibilidade à intimidade háptica

Na indústria pornográfica tradicional, o estatuto do real é usualmente conferido, junto ao espectador, através do “princípio da máxima visibilidade” (Williams, 1989), aliado a uma performatização quase atlética do sexo, uma fetichização do close up visual (os *meat shots*, ou planos de penetração) e sonoro (gritos e sussurros supostamente “hiper-realistas”), repetido à exaustão, e à adoção de uma estrutura narrativa orientada para atingir o clímax com o gozo que culmina nos *money shots* (planos-detelhes de ejaculações). Embora o estudo de Williams esteja centrado na pornografia heterossexual, orientada para um espectador ideal masculino, também podemos observar a reprodução em larga escala de vários desses procedimentos na pornografia gay masculina desde a década de 1970 realizada pelos estúdios profissionais, inclusive no segmento dos ursos, em que os corpos malhados cedem lugar aos parrudos *musclebears*.

Por outro lado, a ascensão de dispositivos móveis de captação de imagens nos últimos 15 anos, aliada a uma valorização de certos nichos de consumo pela circulação via internet, tem permitido uma eclosão de uma produção amadora bastante variada. Nela, os pressupostos da máxima visibilidade vão, aos poucos, hibridizando-se a uma nova relação de intimidade entre espectador e imagens, cujos índices de real se dão por novas estratégias visuais, como a adoção de câmeras-corpo subjetivas, nas mãos dos próprios performers —seja em primeira pessoa, já imersa no ato—, ou uma terceira ou quarta ou quinta, prestes a performar a qualquer momento, e que grava, sem disfarçar sua crescente excitação sexual anunciada no tremor com que segura o *smartphone* ou *handycam*, enquanto aguarda sua vez de interagir. Nesse caso, a câmera

opera como se fosse uma extensão ciborgue de mãos e olhos de quem está no meio da cena, simultaneamente agente e espectador. Essas imagens inscrevem-se, portanto, menos numa lógica industrial e mais na espontaneidade de uma produção de si como corpo desejante e desejável.

Não que os vídeos que culminam no gozo tenham desaparecido da produção caseira; uma parcela considerável e bastante popular do que se encontra na internet é composta por vídeos (em sua maioria verticais) de homens se masturbando, captados por uma câmera fixa e relativamente distanciada de um telefone celular. Mas agora esse tipo de produção passa a coexistir com outras possibilidades, calcadas numa maior ênfase pela intimidade visual e sonora. Já não há somente os tradicionais ditames da “máxima visibilidade” identificados por Linda Williams, como a fragmentação do corpo objetificado (feminino, na pornografia heterossexual; ou masculino-sarado, na pornografia gay), a coreografia das posições sexuais orientada em torno de uma total visibilidade dos atos pela câmera e a predominância de *meat/money shots* pontuando a narrativa. Ganham espaço outros procedimentos: além das já citadas câmeras subjetivas, o minimalismo espontâneo dos movimentos regidos pela aleatoriedade das intensidades e reações dos demais corpos em cena, a não-exigência de uma performance atlética, a naturalidade do gozo dentro do corpo (especialmente nos vídeos de *bareback*), e até mesmo alguns curiosos usos do extracampo como elemento de surpresa narrativa, à medida que as janelas verticalizadas delimitam o passeio das câmeras pelos espaços e por entre os corpos.

Além disso, em lugar da narrativa como moldura a preparar os momentos de “mostração” do ato sexual, o conteúdo audiovisual desses vídeos muitas vezes já se encontra totalmente inserido nesse regime de mostração, iniciando-se num momento em que os corpos já há estão muito se roçando intensamente. Não mais se rompe a narrativa em prol da contemplação: o ato em si é a totalidade da narrativa. No caso dos gifs animados, modalidade tão popular de

consumo de imagens pornográficas na plataforma Tumblr, o clímax em torno do gozo muitas vezes divide as preferências do público com o *in-between*, os movimentos sem começo nem fim em eterno *looping*, até o espectador decidir pausar o gif e partir para outra imagem. É como se fossem “danças serpentinas” contemporâneas visando arrebatá-lo o espectador com a repetição ritmada de determinados movimentos corporais, até provocar-lhe o gozo.

O gif animado, aliás, tem outras especificidades a serem levadas em consideração: uma delas é que ele é rapidamente carregado, sendo ativado e desativado com um único clique (e nisso ganha dos sites e portais de vídeos, com seus usuais tempos de espera para carregar seus conteúdos). Além disso, ele valoriza o ato sempre inconcluso, ressaltando micromovimentos postos em eterna repetição, numa edição que muitas vezes se dá de forma mais rítmica que gráfica. Relembrando o papel fundamental que Paasonen confere ao ritmo dentro da ressonância carnal, afirmo que, através do tempo circular do *looping*, tal como nos aparelhos óticos pré-cinemáticos, essas imagens são dotadas de uma potência hipnótica muitas vezes mais fascinante do que a confluência rumo à ejaculação na pornografia tradicional —seja por rejeitá-la, ou mesmo por ir direto a ela— repetindo-se inúmeras vezes e esvaziando-a de seu status de ponto final, tanto da performance filmada quanto da performance masturbatória do espectador.

O Tumblr possui ainda outras duas lógicas importantes que devemos considerar no consumo das imagens pornográficas hospedadas em suas páginas: uma é de que cada link leva sempre a outro, prolongando-se o prazer até o momento em que o espectador decidir encerrar sua navegação; a outra vem da própria visualidade de sua página de arquivos, em que gifs, vídeos e fotografias são postos lado a lado e, enquanto os vídeos demoram a carregar (sem contar que seus *thumbnails* nem sempre são *spoilers* interessantes do conteúdo a ser visualizado), os gifs animados assumem-se como fascinantes pontos pulsantes nesse mapa de ofertas para quem visita o histórico de

postagens de cada Tumblr. É como se fossem setas em neon piscando, anunciando: “clique aqui, a diversão é garantida e imediata, e se você cansar é só voltar e clicar em outro de nós”.

Também podemos levar em consideração o fato de que a experiência com a internet é primordialmente tátil, na ponta dos dedos que teclam, clicam no mouse, ou mesmo deslizam telas de touchscreen e apertam seus botões virtuais. Paasonen retoma inclusive o conceito de *grab* (agarrar), proposto por Theresa M. Senft (2008), num estudo sobre cam girls, para pensar essa dinâmica tanto visual quanto tátil que rege a espectralidade da web: “Por *grab* quero dizer apertar com a mão, apoderar-me por um momento, comandar atentamente, tocar; muitas vezes de forma inadequada, às vezes de forma recíproca” (Senft, 2008: 46).⁵

Outra experiência tátil a ser aqui considerada é a própria lógica da edição digital de imagens, em que a mão do editor/espectador recorta a imagem temporal e espacialmente, numa relação deveras intimista. No caso específico dos gifs animados, vale ressaltar que muitos deles são extraídos de filmes já existentes, inclusive não-amadores, de modo que se observa, em alguns casos, uma curiosa inversão de prioridades: há diversos exemplos de conteúdos pornôis realizados por produtoras profissionais e estrelados por ursos e musclebears, cuja narrativa atinge o auge com a ejaculação plenamente visível, mas que renderam gifs amadores que, ao subverterem a temporalidade das imagens originais, optam por ressaltar trechos de dois ou três segundos que retratem carícias ou movimentos ritmados (e muitas vezes involuntários) em barrigas, mamas e protuberâncias diversas dos corpos gordos. Situações que são flagradas desavisadamente por uma câmera que mal lhes dá atenção, mas que, na mão dos anônimos animadores de gifs,

⁵ Tradução minha. No original: “By ‘grab,’ I mean to clutch with the hand, to seize for a moment, to command attention, to touch: often inappropriately, sometimes reciprocally”.

também admiradores dessas adiposidades, são evidenciadas, prontas para eclodirem quando de suas aparições em looping nas páginas de algum Tumblr.

A própria proximidade da câmera, aliada a outros usos dos planos fechados/detalhes para além dos *money shots*, bem como (no caso específico dos vídeos) a adoção de uma construção temporal mais naturalista, dada a predileção por planos-sequência, valoriza, na pornografia amadora em geral, uma relação bem mais háptica junto ao espectador do que na sua contraparte industrial. Destaca-se aqui, por exemplo, a recomposição subjetiva e háptica dos *meat shots*, em especial dos corpos não-sarados e também os gordos, em que as formas rígidas e tesas da musculatura bem-definida dão lugar à flacidez das carnes em excesso e dobras muitas vezes a encobrirem ludicamente o falo. Essa mesma flacidez engendra o movimento ondulatório das adiposidades, que muitas vezes podem operar como elementos centrífugos na composição visual dos enquadramentos em plano-detalhe.

E essa condição háptica é dada não somente pela apreciação das texturas dos corpos, filmados à flor da pele, mas também numa convocação espectral à propriocepção de movimentos corporais, reativados tanto pelo desejo quanto pela memória dos sentidos acerca de suas próprias experiências sensórias sexuais prévias. Assim, podemos pensar numa valorização de uma relação com a imagem que passe por uma percepção sensória ampliada, como se ela envolvesse todo o corpo do espectador, aqui concebido como “sujeito cinestésico” (Sobchack, 2004).

E isso se traduz numa reconfiguração da experiência pornográfica contemporânea através dessas câmeras-corpo ciborgues, que filmam a própria ação para além de um mero narcisismo. Predomina, muitas vezes, o fascínio pela abstração dos movimentos repetidos: a ponto de não haver decoração kitsch de sofá, assepsia banal de lençóis e camas box sem cabeceira, ou paisagem paradisíaca de resort que me desviem a atenção dessas ondulações

repetidas, em corpos tão grandes que ocupam boa parte do quadro, que o transbordam... Há também, graças à imagem granulada e mal-iluminada, quase preto-e-branca, de píxel aparente e baixa resolução, uma certa indiscernibilidade das formas filmadas tão de perto, já que a pouca distância entre câmera e corpos não permite muitas vezes que o foco seja mantido. Os desfoques podem eclodir inesperadamente a qualquer momento do vídeo, muitas vezes até no ápice da intensidade do ato filmado, numa tensão bastante interessante entre controle e descontrole advindo da intensidade do prazer que emana do corpo performer que se filma. Em lugar do close bem-calculado e fetichista do pornô tradicional, o plano-detelhe desses olhos ciborgues dos smartphones é muito mais tátil, imersivo, calcado num outro tipo de fragmentação, baseado numa maior indiscernibilidade entre olho e formas vistas, e numa ênfase na textura das superfícies, que, conseqüentemente, irá ativar outros tipos de memórias sensoriais do espectador, acerca de suas experiências corporais de prazer sexual. Ou, como já dizia Laura Marks sobre a visualidade háptica, há um convite para que o espectador “dissolva sua subjetividade no contato íntimo e corpóreo com a imagem” (Marks, 2002:13).⁶

E esse convite se amplia quando lembramos o quanto a pornografia amadora ampliou bastante as categorias de corpos “autorizados” a performarem o sexo diante das câmeras, desafiando os usuais padrões *porn star*, e valorizando uma certa performance de corpos ordinários, cotidianos, cuja diversidade (não só de aparências físicas, faixas etárias e etnias, mas também de ritmos, movimentos e intensidades, com distintas possibilidades de ressonância) acaba por aproximar um número maior de espectadores de suas experiências sexuais mais usuais, e que não se resumem à hegemonia da performance atlética e à centralidade do orgasmo ejaculatório.

⁶ Tradução minha. No original: “Haptic images invite the viewer to dissolve his or her subjectivity in the close and bodily contact with the image”.

As palavras de Laura Marks conduzem-me novamente às imagens cotidianamente visualizadas nos Tumblrs que costumo visitar. Penso num gif animado, em que um homem negro e gordo banha-se num chuveiro. A câmera o enquadra frontalmente, mostrando somente peito, barriga e púbis com um pênis ereto, confinado à borda inferior dos frames. Ele veste somente uma camisa e o gif se concentra na repetição de único gesto: o de descobrir a barriga, verdadeira protagonista do plano, ocupando metade da tela. A água cai intensamente sobre a camisa, agora colada ao corpo, e à medida que o tecido é erguido, relembro a deliciosa sensação de um jato d'água torrencial num banho com roupa, e também o atrito da pele com o tecido pesado e bastante encharcado. Eu poderia citar outro vídeo, no qual a proximidade com se que filmam duas barrigas, uma de frente pra outra, durante os movimentos de penetração anal permitem-me uma dupla propriocepção, remetendo-me tanto à sensação de tocar a tão próxima barriga do parceiro sexual, quanto à de sentir a minha se movendo, não somente seguindo o vai e vem do tronco, mas também nas centrífugas tremulações inerciais dos pneuzinhos e demais dobras salientes que compõem meu corpo.

Assim sendo, creio que o háptico, com o advento dos vídeos feitos por celulares, seja uma chave primordial para a subversão de uma certa economia de prazer fálico e visual, hegemônica na pornografia audiovisual heterossexual e gay masculina. Trata-se de algo que, inclusive, já há pelo menos vinte anos é comum em filmes lésbicos e de *feminist porn* (Baltar, 2015b), engajados em conferir visibilidade a formas de prazer sexual feminino não submissas ao gozo fálico: ao ponto de Sara Janssen afirmar que mais da metade dos filmes exibidos na edição de 2014 do Berlin Porn Festival, espaço de discussão sobre os novos caminhos estéticos e mercadológicos do gênero, tenham sido realizados por mulheres. Se a *feminist porn* já queeriza/desestabiliza os alicerces visuais, sonoros e simbólicos da pornografia clássica, uma boa parcela da pornografia centrada nos corpos gordos também tem buscado fazê-

lo a partir dessa abertura ao háptico, já que o excesso de pele, carnes e gordura é um convite inegável ao toque (e ao *grab*).

Ao constituir uma linguagem própria, que tenta dar conta das especificidades de seu peculiar conjunto de corpos filmados —seja em termos visuais, com a recorrência de enquadramentos ou ângulos específicos, seja ao convocar sensações e movimentos característicos das performances sexuais experimentadas pelos homens gordos— podemos entender a pornografia gay amadora centrada nos corpos carnudos como um fértil território para a construção de uma sensibilidade *queer* traduzida na própria materialidade da experiência audiovisual. *Queer* no sentido fenomenológico proposto por Sara Ahmed, ressaltando de um lado a inadequação desses corpos com os espaços (e aqui podemos pensar os enquadramentos da pornografia gay homonormativa também como espacialidades desconfortáveis, nas quais jamais cabe quem as excede), mas também produzindo um outro imaginário do corpo, uma pornotopia que destoa das pornotopias gays hegemônicas, e que permite traduzir esse estranhamento como potência que contribua efetivamente para que nós, homens gordos e gays (e aqueles que nos desejam), também possamos habitar prazerosamente o aqui e agora.

Uma vez que esses corpos carnudos excedem com facilidade os limites do enquadramento, e suas adiposidades têm seus micromovimentos sobrevalorizados nos planos-detalhes, tais imagens agem como potentes linhas de fuga *queer*, desviando o espectador da curva dramática que conduz ao gozo espetacularizado, e convocando-o a experimentar os pequenos prazeres que explodem em seu corpo na interação com outros corpos por eles desejados. Se a decupagem “clássica” da máxima visibilidade via nas grandes barrigas um inimigo para a visualização plena do falo, a experiência háptica do pornô amador contemporâneo permite novas possibilidades de engajamento corpóreo e ressonância carnal. E, no caso específico da produção centrada nos corpos gordos e gays, vemos o háptico como instância fundamental para a

instauração de um regime sensório de imagens bastante peculiar, capaz de dialogar diretamente com as memórias corpóreas de seus espectadores e ampliar assim sua potência ressonante e resistente.

Bibliografia

Ahmed, Sara (2006). *Queer phenomenology: orientations, objects, others*. Durham: Duke University Press.

Baltar, Mariana. (2015a). "Femininos em tensão: da pedagogia sociocultural a uma pedagogia dos desejos" in Murari, Lucas e Mateus Nagime (org.). *New queer cinema: cinema, sexualidade e política*. Rio de Janeiro: Caixa Cultural.

_____. "Atrações e prazeres visuais em um pornô feminino" (2015b) in *Significações*, v. 42, n.43. São Paulo: USP. Disponível em <http://www.revistas.usp.br/significacao/article/view/89868> (Acesso: 5 de fevereiro de 2018).

Figueiroa, Natália Lima (2014). "Pornografia com mulheres gordas: o regime erótico dos corpos dissonantes" in *Pensata*, v. 4, n. 1. São Paulo: Unifesp. Disponível em <http://www2.unifesp.br/revistas/pensata/wp-content/uploads/2012/06/Fa%C3%A7a-o-download-da-revista-pdf.pdf> (Acesso: 5 de fevereiro de 2018).

Gibson, James J. (1966). *The senses considered as perceptual systems*. Boston: Mifflin.

Highberg, Nels P. (2011). "More than a comic sidekick: fat men in gay porn" in *Performing ethos*, v.2, n.2. Bristol: Intellect.

Janssen, Sara (2016). "Sensate vision: from maximum visibility to haptic erotics" in *feminists@law*, v. 5, n. 2. Kent: University of Kent Press. Disponível em <http://journals.kent.ac.uk/index.php/feministsatlaw/article/view/222> (Acesso: 5 de fevereiro de 2018).

Marks, Laura (2002). *Touch: sensuous theory and multisensory media*. Minneapolis: University of Minnesota Press.

McGlotten, Shaka (2015). "The élan vital of DIY porn" in *Liminalities: a journal of performance studies*, v. 11, n.1. Disponível em <http://liminalities.net/11-1/elanvital.pdf> (Acesso: 5 de fevereiro de 2018).

Paasonen, Susanna (2011). *Carnal resonance: affect and online pornography*. Cambridge: MIT Press.

Rounthwaite, Adair (2011). "From this body to yours: porn, affect and performance art documentation" in *Camera Obscura*, v. 26, n. 3. Durham: Duke University Press.

Senft, Theresa M. (2008). *CamGirls: celebrity and community in the age of social networks*. New York: Langs.

Shaviro, Steven (2015). *O corpo cinemático*. São Paulo: Paulus.

Sobchack, Vivian (2004). *Carnal thoughts: embodiment and moving image culture*. Berkeley: University of California Press.

Textor, Alex Robertson (1999). "Organization, specialization and desires in the big men's movement: preliminary research in the study of subculture-formation" in *Journal of gay, lesbian and bisexual identity*, v. 4, n. 3. New York: Human Sciences Press.

Williams, Linda (1989). *Hard Core: power, pleasure and the frenzy of the visible*. Berkeley: University of California Press.

* Erly Vieira Jr. é Professor do Programa de Pós-Graduação em Comunicação (POSCOM) da Universidade Federal do Espírito Santo (UFES). Doutor em Comunicação e Cultura (UFRJ). E-mail: erlyvieirajr@hotmail.com